



TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL DO SÉCULO XXI: BREVES (DES)APONTAMENTOS

INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN HIGHER EDUCATION IN BRAZIL OF THE XXI CENTURY: BRIEF (DES) NOTES

Roberto Remígio Florêncio

Doutorando em Educação (UFBA); Mestre em Educação e Cultura (UNEB)
Professor; IF Sertão Pernambucano – Campus Petrolina Zona Rural
betoremigio@yahoo.com.br

Marta Verônica Cavalcanti Pinto

Especialista em Programação de Ensino (UPE); Graduada em Letras (UPE)
Professora; Secretaria de Educação da Bahia
martaveronica320@gmail.com

RESUMO

Reflexão atualizada sobre o uso das tecnologias digitais na educação superior do Brasil nos dias de hoje. Para isso, foram mescladas teorias e autores contemporâneos para esclarecer que não se trata de uma temática atual, mas de uma necessidade premente de atualização do sistema educacional brasileiro, que contribui para o avanço tecnológico ou, muitas vezes, esbarra em problemas próprios do processo de desenvolvimento. Sob os estudos sobre as tecnologias digitais, principalmente de Moran (2013; 2007) e Marco Silva (2001), identificamos posturas defendidas no século anterior por teóricos como Freire (1978; 1984; 1999), Vygotsky (1978) e, a partir da inovação tecnológica na educação, Toffler (1970). Foi desenvolvida uma revisão bibliográfica, baseada no uso das TIC no Ensino Superior, seus avanços e quebras paradigmáticas. Como conclusões, alertamos para a dicotomia metodológica, os objetivos não claros das instituições e as discrepâncias socioculturais para a sociedade brasileira, o sistema educacional e o Ensino Superior, especialmente no momento em que o estudo de maneira remota tem sido a única opção de grande parte da população.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Tecnologias Digitais. Inovação Tecnológica.

ABSTRACT

Updated reflection on the use of digital technologies in higher education in Brazil today. For this, theories and contemporary authors were mixed to clarify that this is not a current theme, but an urgent need to update the Brazilian educational system, which contributes to technological advancement or, often, comes up against problems inherent to the process of development. Under the studies on digital technologies, mainly by Moran (2013; 2007) and

Recebido em 09.05.2020. Publicado em 27.08.2020



Licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 United States License

Marco Silva (2001), we identified postures defended in the previous century by theorists such as Freire (1978; 1984; 1999), Vygotsky (1978) and, from technological innovation in education, Toffler (1970). A bibliographic review was developed, based on the use of ICT in Higher Education, its advances and paradigmatic breaks. As conclusions, we warn of the methodological dichotomy, the unclear objectives of the institutions and the socio-cultural discrepancies for Brazilian society, the educational system and Higher Education, especially at a time when studying remotely has been the only option for a large part of the population.

Keywords: Teaching-learning. Digital Technologies. Technologic innovation.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais transformaram o modo da comunicação e interação entre as pessoas, imprimindo uma série de mudanças na sociedade em todas as esferas de sua estrutura: social, política, econômica, jurídica, de trabalho. Decorrente dessa transformação social há o que podemos chamar de democratização do conhecimento, uma vez que o acesso à informação passa a ser compartilhado também com aqueles que não dispõem de acesso aos meios de conhecimento tradicionais, como livros, revistas, apostilas, enciclopédias. Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) fazem parte do ensino superior que, por sua vez, busca acompanhar essa mudança para manter seus cursos atualizados, em consonância com as tecnologias consideradas essenciais (COSTA, 2005). Contudo, esse processo não ocorre de forma tão simples, vez que os chamados *novos alunos*, nos cursos presenciais, apresentam, muitas vezes, mais habilidades e intimidades com a tecnologia digital do que os docentes. E, nos cursos da modalidade EaD, principalmente das instituições de ensino privadas, percebe-se uma tentativa de contemplação mercadológica, como será apresentado adiante.

Na análise de Moran (2007), a prática docente ainda se caracteriza muito pelo tradicionalismo, com aulas ministradas de modo convencional, baseadas no método expositivo, em que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno, mero receptor: o docente transmite o conhecimento e o discente recebe e decora o conteúdo para a realização de provas. Por outro lado, há que se considerar que o autor afirma também que, “se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo” (MORAN, 2007, p. 12). É a partir dessa dicotomia que nos propomos a abordar as formas como as TIC têm participado do processo educativo no Ensino Superior, descrever o uso das tecnologias digitais e o papel dos *novos* agentes (professores e estudantes, principalmente) frente à nova realidade de

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos
comunicação e informação.

Do ponto de vista dos educandos de nível superior, Gesser (2012) diz que as novas tecnologias trouxeram avanços, com metodologias empregadas para se fazer ensino, nas diferentes formas de materialização. Marchiori *et al.* (2011) comentam que o desempenho dos alunos universitários depende da atenção que eles dedicam aos estudos. Essa atenção pode ser considerada um dos principais fatores para o sucesso na aprendizagem. Portanto, podemos dizer que a tecnologia pode ser uma ferramenta muito útil no processo de EA, de acordo com o modo e o fim para qual é utilizada. No entanto, a introdução de novas tecnologias, a exemplo dos livros eletrônicos, tutoriais multimídias e cursos à distância pela Internet, não implica necessariamente em mudanças pedagógicas, uma vez que a utilização desses mecanismos como meros instrumentos de comunicação seria óbvia no processo educacional, como parte do processo de desenvolvimento tecnológico da humanidade. Corroboramos o pensamento de Rezende (2008), para quem “O uso dessas novas tecnologias pode contribuir para novas práticas pedagógicas, desde que seja baseado em novas concepções de conhecimento, de aluno, de professor e transformando vários elementos que compõem o processo de EA” (REZENDE, 2008, p. 26).

Importante salientar que o professor deve estar ciente de que as TIC são ferramentas que complementam aquelas já utilizadas no processo educacional, elas agregam valores ao invés de substituí-los, e, portanto, devem somar-se aos demais recursos pedagógicos da prática docente. Segundo Tedesco (2004), cada meio utilizado no processo de ensino e aprendizagem apresenta características específicas que devem ser selecionadas e utilizadas pelos docentes em conformidade com o objetivo educacional para ministrar sua disciplina. Em seguida, convém identificar a tecnologia mais adequada para um determinado conteúdo e objetivo.

Nesse sentido, o *novo professor* universitário, além do conhecimento do conteúdo e da metodologia de ensino para se alcançar os objetivos, deve saber lidar com a tecnologia e romper os paradigmas das formas conservadoras de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar, segundo Betoncello (2010). Mais do que das novas tecnologias, as mudanças na educação dependem de termos educadores, gestores e alunos maduros intelectual, emocional e eticamente; pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar; pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos (MORAN, 2013).

Com dispositivos inimagináveis no século passado, as novas gerações chegam detentoras de saberes cada dia mais avançados e questionadores. No entanto, o modelo de escola que se propõe a realizar o trabalho de ensino apresenta-se obsoleto e em desvantagem na competitiva rede de comunicação e informação mundial. As TIC já se fazem presentes no ambiente escolar há alguns anos, mas o seu uso ainda é restrito e muito disso se deve à formação do professor. As relações sociais e interpessoais mudaram e a escola continua a mesma, com seus padrões, métodos e sistemas de avaliação, o que reduz expressivamente o seu poder de encantar e, conseqüentemente perde a sua função na transformação social (BONILLA, 2012). A organização da escola atual ainda predispõe uma educação como forma de controle e mecanicista, com grande obsessão pela eficiência. A escola apenas incorporou a tecnologia em seu ambiente físico, mas, não consegue fazer uso dela para aprimorar suas funções e metodologias.

A presença do hipertexto no domínio das atividades escolares, por exemplo, é fartamente discutida pela literatura pedagógica desde o advento da informática, nas últimas décadas do século XX. O computador mudou a nossa maneira de ler, construir e interpretar textos. A presença do computador nas escolas é uma realidade incontornável, seu uso já é fato corriqueiro nas escolas públicas do interior brasileiro, no entanto, não se tem ainda um pensamento crítico e objetivo acerca do uso do hipertexto nas atividades de produção/construção do conhecimento (MARCUSCHI, 2010).

[...] não deveria haver nada de estranho no uso de um novo espaço de escrita, tal como o vídeo de um monitor, em contraste com uma folha de papel ou outros suportes, como os *outdoors* e os muros das nossas cidades (MARCUSCHI, 2010, p. 112).

Cabe à educação a responsabilidade de mostrar o destino multifacetado do humano, seja individual, social e histórico, mas entrelaçados e inseparáveis. As TIC estão tão impregnadas na cultura mundial da atualidade, que é preciso não se afastar delas, para não correr o risco de não atingir o público desejado, ou melhor, público nenhum. Também, afastar-se das TIC, principal meio de comunicação de massa e veículo de aprendizagem, seria impossível: a grande *global village* está inteiramente conectada, e a uma velocidade tal que nem os nascidos nesta década, em plena "singularidade tecnológica", são capazes de mensurar.

2. A UTILIZAÇÃO DAS TIC NA EDUCAÇÃO

Considerando a amplitude e a velocidade com que são disponibilizadas por meio das TIC, as informações podem trazer situações indesejadas que irão demandar uma maior

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos

habilidade dos docentes, como o combate ao plágio, aos conteúdos inverídicos e à grande quantidade de informações inúteis. O professor deverá ser bastante criterioso em sua avaliação, orientando previamente os educandos de modo que eles não incorram em erro, quer por desconhecimento, quer por desvios de ética, o que comprometeria todo o trabalho desenvolvido. Teruya (2006) afirma que as pesquisas realizadas pela internet possibilitam o acesso aos mais variados tipos de dados, porém, o excesso de informação pode atrapalhar o aluno. As informações fúteis, inverídicas e sem fundamentação teórica são outros problemas. Portanto, no que diz respeito aos possíveis problemas na utilização das TIC na educação, elencamos o que, na visão de Moran (2013) seriam os principais pontos em questão.

- Professores e alunos não estarem prontos/aptos para o uso das tecnologias: professores que não dominam as novas tecnologias, fazem pequenas concessões, sem mudar o essencial, mantendo, assim, uma estrutura repressiva, controladora e repetidora. E, os estudantes optam por caminhos mais curtos para se chegar à *resolução* dos problemas;
- IES exigem mudanças dos professores sem oferecer condições para que eles as efetuem: existem mais investimentos em tecnologias do que nos processos de formação/atualização dos profissionais da educação nas áreas tecnológicas;
- A maior parte dos cursos presenciais e on-line continua focada no conteúdo e na informação: necessidade de que os cursos sejam focados na construção do conhecimento e na interação, através da interatividade.

Não se tem dúvidas de que a linguagem (ou as linguagens) é o mais completo e complexo aparato das relações interacionais, dela derivam (e emanam) as artes, as tecnologias, as línguas, os conhecimentos, enfim, a cultura. A linguagem não deve ser confundida com o simples mecanismo de transmissão/recepção de informações, e a interatividade é o modo de comunicar-se que desconstrói o paradigma da transmissão. Segundo Silva (2001), a interatividade consegue deslocar o eixo da comunicação de modo que as pessoas passam da condição de meros espectadores para interlocutores, da passividade leitora ou auditiva para o estado de sujeito operativo e produtor do discurso.

A tecnologia a serviço da informação/comunicação é uma realidade física, objetiva e dinâmica que cada um de nós utiliza todos os dias e cuja evolução está ainda longe de se esgotar. No entanto, nas escolas, professores e gestores ainda não dão o eco necessário às TIC enquanto ferramenta/meio de construção do conhecimento, até porque a interatividade ainda é

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos

um processo não completamente internalizado pela escola contemporânea. A baixa participação oral dos alunos e a prerrogativa de atividades individuais para cunhos avaliativos ainda são comuns nas escolas tradicionais, evitando ou dificultando momentos interativos de aprendizagem (SILVA, 2001). A escola de hoje tem o mesmo modelo, função, metodologia de há cem anos. Como esse formato pode ser interessante para a criança e o jovem do século XXI, completamente interligado com o mundo, bombardeado de informações 24 horas por dia e vivendo em um ciberespaço, provido de um arsenal "tira-dúvidas" digital *online*?

A interatividade está na comunicação. A informática utiliza-se do termo em um sentido mais amplo, que abarca as questões naturais do processo de informatização das informações, ou seja, o texto no espaço-tempo ciberespaço, a conectividade. O termo interatividade está associado "à perspectiva de libertação da comunicação da lógica da transmissão" (SILVA, 2001, p. 5). Na informática, "os objetos são virtuais, definidos matematicamente e processados por algoritmos, portanto, os textos são convertidos em *bits* de modo a sofrer qualquer tipo de manipulação ou interferência, sem degradação ou perda da informação" (SILVA, 2001, p. 5). Por outro lado, segundo Bonilla (2002), as principais linguagens utilizadas na escola são a oral e a escrita. E assim deve perdurar por muito tempo.

As tecnologias da informação e da comunicação já se fazem presentes há muitos anos, mas, ainda respondendo uma necessidade apenas tecnológica e não promovendo de fato a necessária inovação pedagógica (FLORÊNCIO, 2018). As interações professor-aluno e aluno-aluno não são novidades, assim como o uso de suportes tecnológicos como Datashow, aparelhos audiovisuais e lousa semi-interativa. No entanto, a supremacia dos textos escritos sobre a oralidade e os mecanismos e regras da fala, cerceiam aspectos das individualidades que poderiam gerar momentos de crescimento e construções mais elaboradas. Em decorrência da necessidade de avaliar o aluno, muitos professores "esquecem" do que é dito em sala de aula, momento em que o estudante consegue ser mais expressivo, expansivo e surpreendente. A escrita poda, corta, endurece. E o tempo dedicado à correção gramatical e revisão das normas é gasto em detrimento da criatividade, da subjetividade e da multiplicidade de informações.

3. O PROBLEMA DA INCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL

A verdadeira face da Inclusão digital no Brasil, proposta pelos governantes desde o final do século XX, tem sido apenas uma "promessa" de campanhas partidárias e descontextualizadas da realidade sociocultural do país. Em nome dessa inclusão prometida, os

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos

"programas de governo" prometem quase milagres para a resolução dos principais entraves sociais de países em "franco" desenvolvimento, como solução mágica para a pobreza, carências educacionais (principalmente o analfabetismo), injustiças sociais, desemprego, violência, racismo, homofobia.

Infelizmente, o que deveria ser política pública de fato (e não de governos), tem sido frequentemente utilizado, em especial pelas organizações internacionais e pelo setor público, para compor um jargão apelativo nas abordagens políticas de caráter geral e populista, pois é notória a falácia da intencionalidade do uso de dispositivos como forma de incluir. O modelo de inclusão que se tem percebido é meramente de inclusão mercadológica. Por isso, a apropriação da tecnologia precisa ser melhor compreendida no contexto social, incluindo aí as políticas públicas para a educação.

Dizer que se está possibilitando a Inclusão Digital é assegurar que as pessoas das comunidades estariam apoderando-se das tecnologias digitais com autonomia, independência, segurança, etc. No entanto, os usuários de telecentros, infocentros, laboratórios escolares ou mesmo lan-houses têm, em sua maioria, necessidades mais imediatas como a produção de material de reprografia, contatos pessoais e/ou comerciais de curta duração, comercialização de produtos ou afins.

Nelson Pretto (2018), ao referir-se às políticas públicas para a inclusão digital, defende iniciativas que realizem a “inclusão de cidadãos, não como meros consumidores, seja de produtos ou de informações, mas como sujeitos plenos que participam do mundo contemporâneo enquanto seres éticos, autônomos e com poder de decisão”. Seria, portanto, necessário avaliar se a realização de cursos básicos de informática para a população de baixa renda, ação em geral bastante comum entre os diversos projetos de inclusão digital que proliferam no país, estariam contribuindo de alguma forma com a formação de sujeitos autônomos e participativos.

Existem diversas iniciativas no sentido de promover uma apresentação digna e viável deste "admirável mundo novo" às comunidades carentes ou grupos historicamente marginalizados, no entanto, a maioria da vezes, a tendência é promover produtos e/ou serviços e, por isso, a inclusão fica apenas voltada ao mercado, enquanto o verdadeiro sentido

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos do uso destas tecnologias, que seria a construção de conhecimento e troca de experiências, fica em segundo plano.

E temos um agravante hoje, com a chegada das megaempresas de tecnologia. Não são mais os cursos básicos de informática que são disponibilizados nos infocentros e escolas; são os pacotes dessas empresas, que aprisionam os sujeitos aos seus dispositivos e ambientes digitais. É o que André Lemos chama de "portal-curral" - uma vez ali dentro, não pode sair, explorar outras possibilidades, conhecer outros caminhos. Inclusive os dados de todos os sujeitos ficam disponíveis e sob a guarda desses conglomerados. Perdemos completamente a autonomia! (BONILLA, 2018, em entrevista TV UFBA, 12 de março de 2018).

Promover a aprendizagem ainda é a função primordial que rege o fazer pedagógico, no entanto, é preciso compreender o quanto estas palavras (fazer pedagógico, professor, ensino, aprendizagem, estudante) têm recebido outros potenciais sintático-semânticos na conjuntura do mundo real que á virtualidade dos conhecimentos e a rapidez do pensamento atual na sociedade contemporânea.

4. A CONEXÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Em uma simples deslocação corpórea, com a movimentação da mão a fim de ligar o aparelho tecnológico e em seguida, conectando-o à internet, o aluno se vê conectado ao assunto pretendido, tendo a oportunidade de avançar por conteúdos e textos que lhes despertem o interesse, sem haver a necessidade do deslocamento ao espaço físico da instituição ou biblioteca. A facilidade de acesso à informação lhes garante condições para orientar suas próprias trilhas de aprendizagem, de acordo com seus interesses e necessidades e a participação em cursos *online* livres, com temas diversificados, lhes possibilita uma formação em concordância com suas prioridades (KENSKY, 2015).

A mediação pedagógica na EaD é constituída por uma equipe de profissionais capacitados, com o objetivo de promover engajamento, interação, sanar dúvidas e facilitar o conhecimento dos discentes. Sendo assim, esta envolve o professor, o tutor presencial e o tutor à distância. O professor é o responsável teoricamente para a ministração da disciplina de sua responsabilidade, selecionar materiais e teóricos, definir as atividades pedagógicas, colocar o estudante em contato com o seu objeto de estudo, contribuindo para o processo de

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos ensino e aprendizagem. das e dos laboratórios de informática e outros, específicos do curso (MORAN, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese o fato de que a utilização de novos mecanismos, dispositivos e metodologias de ensino terem provocado uma grande mudança no processo de socialização do saber, observa-se que uma camada dos docentes ainda não se encontra preparada para o uso dos mesmos. Por outro lado, algumas instituições também não se encontram capacitadas para tanto, o que de certo modo inviabiliza essa prática. No entanto, muito embora a utilização das TIC a serviço da educação possa acarretar possíveis problemas na sua implementação, é inegável que esses recursos otimizam a prática docente, por uma série de fatores, tais como a dinâmica das aulas, a celeridade das informações e a interatividade, dentre outras.

O que chamamos atenção diz respeito ao objetivo propriamente dito do uso das TIC, uma vez que este, por si só, não garante uma aprendizagem desejável, leia-se, crítica, do educando. Para que esta seja alcançada há de se atentar para o fato de que as Tecnologias da Informação e Comunicação não podem ser vistas como meros instrumentos de ensino, em nome da celeridade e da tecnicidade que as caracterizam, mas sim, utilizadas como meios de instigar o pensamento crítico do educando, de modo que possam auxiliar na aprendizagem crítica deste, bem como na docência do profissional que as utiliza. A escola ainda se encontra descontextualizada da realidade da maioria dos seus frequentadores e, descontextualizada também historicamente, à margem das perspectivas futuras. Ou seja, a escola tem trabalhado para a tender o futuro, mas não para criá-lo. A atenção do estudante é orientada pra trás, para a História, e não para frente. O futuro encontra-se escondido, banido da sala de aula (FLORÊNCIO, 2018).

É claro que a escola não ficou indiferente à tecnologia, no entanto, continua distante do real desenvolvimento científico e é preciso se tomar consciência de que funcionamos com sistemas escolares obsoletos, com a crença de que a pessoa aprende com o ensino. É preciso entender que a pessoa aprende apesar da educação. Aprende-se quando se está apto a aprender (VYGOTSKY, 1978). Tanto com o professor como em colaboração com o outro e com o mundo. Esta perspectiva de Vygotsky (1978) sugere uma reorganização do papel tradicional do professor no contexto da turma, de modo a que lhe seja possível assistir de perto o aluno, direta ou indiretamente, proporcionando-lhe apoio e recursos, de modo que

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos

este seja capaz de aplicar um nível de conhecimento mais elevado do que lhe seria possível sem ajuda. Levando em consideração que as crianças, ao nascerem, já estão aptas a aprender e o fazem com desenvoltura, tanto que, quando chegam à escola, já sabem bem uma língua, tem claras noções espaciais, andam, correm, pulam. Portanto, o uso das tecnologias digitais na escola seria uma meta-aprendizagem. É importante lembrar que os aprendentes se ocupam na construção de coisas plenas de significado para si, em um processo de interação dinâmico, segundo Freire (1999), quer seja um castelo, uma máquina, um poema, uma canção ou um programa de computador. Portanto, tanto Vygotsky quanto Freire já aludiam à necessidade da interatividade na construção do conhecimento desde a década de 1970, o que falta à educação contemporânea e, em especial, ao Ensino Superior, ainda marcadamente técnico, elitista e mercadológico, é não se afastar tanto dos preceitos de que estar, ser e fazer são expressões do mesmo moto-contínuo do processo de ensino, desenvolvendo assim o caráter crítico-construtivista do aprender.

No processo de ensino-aprendizagem (EA), é importante destacar a importância do aprender fazendo, do aprender a aprender, do interesse, da experiência e da participação como base para a vida. As modernas pedagogias têm apontado na direção da aprendizagem ativa, do trabalho coletivo, da participação, da pesquisa e da construção do conhecimento (AMARAL, 2004). Nesse contexto, destacam-se como desafios principais a profissionalização do professor, a qualificação pedagógica e a apropriação competente de metodologias de ensino inovadoras e transformadoras. A discussão sobre o uso ou não das TIC como ferramentas educacionais é inócua, pois elas já são uma realidade no contexto educacional e, mais, são a própria inovação, segundo Santaella (2001). O debate atual deve girar em torno de como o uso dos dispositivos pode ser eficiente e proativo para a construção do conhecimento crítico.

O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana [...]. Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão postas em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola (FREIRE, 1984, p. 6).

Compreendemos, nessa reflexão do principal teórico da educação brasileira no século XX que não basta o uso da tecnologia em si, mas o seu fim, seu objetivo, como um célere instrumento de aquisição de conhecimento crítico, a despeito de seu uso caracterizar-se de cunho meramente tecnicista.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. L. **As eternas encruzilhadas:** de como selecionar caminhos para a formação do professor de ensino superior. In: XXII ENDIPE, 2004, Curitiba. Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente. Belo Horizonte: Editora Universitária Champangnat, 2004.

BERTONCELLO, L. **A utilização das TIC e sua contribuição na educação superior:** uma visão a partir do discurso docente da área de letras. 2010. Disponível em: <<http://repositoral.cuaed.unam.mx:8080/jspui/handle/123456789/1931>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

BONILLA, M.H. S. (2002). **Escola aprendente:** desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento. UFBA, Salvador, 2012.

BONILLA, M. H. S. (2018). **Entrevista** (12 de março de 2018). Tv Universitária Baiana – Rádio-TV UFBA.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FLORÊNCIO, R. R. (2018). **Interatividade:** a linguagem (que falta) na escola contemporânea. In: Blog Etnolinguagens. Disponível em www.etnolinguagens.webnode.com, acessado em 21 de mai. de 2019.

FREIRE, P. (1984). **A máquina está a serviço de quem?** Revista Bits, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 6. 1987.

FREIRE, P. (1978). **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GESSER, V. **Novas tecnologias e educação superior:** Avanços, desdobramentos, Implicações e Limites para a qualidade da aprendizagem. IE *Comunicaciones:* Revista Iberoamericana de Informática Educativa, n. 16, p. 23-31, 2012.

KENSKY, V. M. **Educação e Internet no Brasil, 2015.** Disponível em: <<https://www.pucrs.br/ciencias/viali/doutorado/ptic/textos/Kenski>. Acesso em 01/07/18.

MARCHIORI, L. L.; MELO, W. J.; MELO, J. J. **Avaliação docente em relação às novas tecnologias para a didática e atenção no ensino superior.** Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, v. 16, n. 2, p. 433-443, 2011. ISSN 2318-2962 Caderno de Geografia, v.25, n.44, 2015

MARCHUSCHI L. A. **O hipertexto na sala de aula.** Recife: Editora UFPE, 2010.

MIRANDA, L. A. V. **Educação Online:** Interação e Estilos de Aprendizagem de Alunos do Ensino Superior numa Plataforma Web. Tese de Doutorado em Educação. Universidade do Minho Braga, 2005. Disponível em: <Users/USER/Documents/Plataformas/TeseDoutoramento>. Acesso: 01/07/18.

MORAN, J. M. **O que é educação a distância.** 2013. Disponível em: <<https://www2.eca.usp.br/moran/wp-ntent/uploads/2013/12/dist.pdf>>Acesso: 01/07/18.

MORAN, J. M. **Integração das Tecnologias na Educação.** In: Salto para o Futuro. Brasília: *Posigraf*, 2005.

-
- Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior no Brasil do século XXI: breves (des)apontamentos
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Ed.). **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 2007.
- MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2009.
- PRETTO, N. (2018). **Entrevista** (12 de março de 2018). Tv Universitária Baiana – Rádio-TV UFBA.
- REZENDE, F. **As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, v. 2, n. 1, p. 75-98, 2008.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SILVA, M. **Sala de aula interativa a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. INTERCOM. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande: 2001.
- TEDESCO, J. C. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.
- TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá: Eduem, 2006.
- VYGOTSKY, L. S (1978). **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2003.